

UMA SEDIÇÃO MILITAR!

Na madrugada de ontem estalou na capital do norte um movimento insurreccional

O comandante das tropas revoltosas enviou um telegrama ao governo intimando-o a demitir-se. Foi pôsto em vigor o decreto estabelecendo rigorosamente o estado de sítio e suspendendo as garantias.

A nossa atitude

Atravessa-se um momento cuja gravidade é desnecessário salientar. Não damos novidade aos nossos leitores informando-os de que estalou no Norte um movimento insurreccional e de que os objectivos dessa revolta visam a derrubar a actual situação política, a fim de se promover o regresso à normalidade constitucional.

Há muitas semanas que se esperava este movimento, cuja deflagração não causou surpresas nem à população, nem ao governo.

Os leitores deste jornal esperam evidentemente que ele exprima a sua opinião sobre os acontecimentos—e se nós deixássemos de a emitir a decepção seria grande, e a desconfiança de que a não dávamos por disso estarmos impedidos seria evidente e exerceria no espírito de todos uma influência considerável, além das consequências naturais que podem resultar sempre duma desconfiança dessa natureza. A fim de não sobressaltar ninguém, fomos de parte o silêncio que seria um processo excelente mas impróprio do nosso amor às situações claras e definidas.

A Batalha tem uma tradição—tradição que é feita da atitude clara e inflexível que o operariado tem sabido afirmar, na sociedade portuguesa, mesmo nas mais graves emergências. Pois a Batalha segue essa tradição, respeita-a e considera-a uma das razões mais fortes e mais necessárias à sua existência. Quanto ao operariado a Batalha não duvida do que ele quer nem do que ele pensa. Conhece-o de sobejo. Ele representa o povo e o povo é hoje o que foi ontem e será amanhã o que tem sido sempre.

As palavras que aí ficam são, quanto a nós, demonstrativas de que a Batalha não se furtará a desempenhar, dentro das suas possibilidades, o que considera ser seu dever—dever que, por seu lado, o operariado tem sabido sempre cumprir até ao fim.

200 pessoas

na iminência de residirem ao ar livre

A comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, dentro do projecto do aforamento da cidade de que os jornais falaram, ordenou a demolição de alguns prédios da rua Gomes Freire a fim de fazer-se o alinhamento daquela arteria.

Os moradores desses prédios, em número superior a 200 pessoas, na iminência de ficarem ao relento solicitaram do presidente do Município autorização para permanecerem nas suas actuais moradias até que pudessem passar para as casas em construção do Bairro Social do Arco do Cego.

O coronel sr. Vicente Freitas achou muito justo o pedido, prometendo atendê-lo na medida do possível. Porém, há dias, um jornal da manhã, informava que a Câmara estava trabalhando activamente para a expropriação dos prédios da rua Gomes Freire.

Esta notícia alarmou bastante aquela pobre gente que só tem na sua frente um recurso: viver ao ar livre.

Numa representação que os referidos moradores enviaram à Câmara reforçam a petição já dirigida ao coronel sr. Vicente Freitas: só abandonarem os prédios quando lhes seja autorizada a residência nos Bairros Sociais.

Atenderá a Câmara tão justo pedido? Se atender só praticará uma obra de justiça.

Protecção aos animais

A brigada da Sociedade Protectora dos Animais, acompanhada do civico n.º 820, apreendeu ontem 20 muare, que foram no posto veterinário tidas como incapazes para o trabalho, tendo os seus proprietários sido enviados ao tribunal das transgressões. Na Boa Hora deve realizar-se brevemente o julgamento de alguns indivíduos acusados de cegar passáros.

OS ACONTECIMENTOS DE ONTEM

Algumas notas de reportagem sobre o movimento revolucionário

As primeiras notícias

O aspecto da cidade na manhã de ontem era dos mais curiosos de todos os movimentos revolucionários. Respirava-se um ambiente de inquietações e de sobressaltos. Os boatos fervejavam. Havia um quê de mistério e de desconfiança em cada alfacinha, dir-se-ia que proveniente de um receio mútuo.

Todavia de todas as bocas partia uma vaga informação:

—Há revolução no Porto... Pouco mais se sabia. Informações directas não era possível obter visto as comunicações estarem cortadas. Os jornais do Porto não vieram porque não se fez o combo rápido do Norte.

E nesta situação de incerteza se conservou a população cidadina até cerca das 10 horas em que o governo enviou para os placards dos jornais a seguinte nota officiosa:

«Uma parte da guarnição do Porto revoltou-se, desconhecendo-se, por enquanto, a finalidade do seu gesto; a maior parte conserva-se fiel ao governo que já tomou as providências que julgou necessárias para rapidamente jugular o movimento. Em todo o resto do País, há absoluto sossego».

O ministro da Guerra seguiu para o Norte

Devido a estes acontecimentos, cuja gravidade o governo era o primeiro a reconhecer, partiu no rápido da manhã para o Norte o coronel sr. Passos e Sousa, ministro da Guerra, acompanhado de oficiais superiores.

No mesmo comboio, seguiu uma força de Telegrafistas.

No «sud-express» seguiram também para ali, além de vários oficiais, os srs. coronéis Pimenta de Castro e Schiappa de Azevedo e o major Marinho, comandante do 2.º grupo de Telegrafistas.

Entretanto chegavam as primeiras notícias: o ministro da Guerra fôra preso em Santarém pelos revolucionários.

A's 16 horas, o governo enviou a seguinte nota officiosa aos jornais:

«É absolutamente falsa e tendenciosa a notícia propagada acerca da prisão, em Santarém, do ministro da Guerra.

Este encontra-se em Aveiro, no quartel geral das forças concentradas e em marcha sobre o Porto, onde um reduzido número da guarnição se encontra sublevada.

O ministro da Guerra tem estado em constante comunicação com o governo. De Braga, Valença e Viana marcham tropas contra os revoltosos».

Um «ultimatum» dos revoltosos

A essa hora circulava em Lisboa uma proclamação do Comité Militar, assinada pelo general sr. Gastão de Sousa Dias, Jaime de Moraes, capitão médico Jaime Cortezão, capitão João Sarmiento Pimentel e João Pereira de Carvalho, que delinha os objectivos dos revoltosos.

Aos assinantes

—DE—

A BATALHA

Muitos dos nossos assinantes têm mostrado o desejo de que procedamos, mensalmente, à cobrança das suas assinaturas e outros prontificam-se a enviar a respectiva importância directamente à administração, devido às dificuldades que têm para proceder ao pagamento dos recibos por habitemento em sítios onde isso se lhes torna dispendioso. Como vamos proceder à cobrança do mês que findou, chamamos a atenção dos nossos assinantes nas circunstâncias referidas e aguardamos que, todos, façam, prontamente, o pagamento das suas assinaturas por intermédio do recibo de cobrança ou enviando a respectiva importância pela forma que se lhes torne mais viável.

A ADMINISTRAÇÃO

Os revolucionários do Norte enviaram ao governo o seguinte ultimatum.

«As forças revoltadas exigem a demissão do governo e o regresso à Constituição. Pelo Comité Jaime de Moraes.»

O governo diz que há sossego e manda regressar a casa a população

A's 16,45 horas o governo enviou à imprensa outra nota officiosa. Como a primeira, garante que há sossego em todo o país. Diz essa nota:

«Foi decretada a suspensão das garantias. O governo tendo resolvido reprimir com a maior energia qualquer tentativa de alteração da ordem aconselha a população a recolher a suas casas.

«De todas as guarnições do país, excepção feita para uma pequena fracção de tropas do Porto, o governo tem recebido manifestações de apoio que indicam que o Exército, absolutamente disciplinado, corresponde às responsabilidades que tomou perante a Nação.

«O sossego é absoluto em todo o país».

Medidas de repressão

Em virtude do nosso colega O Mundo ter publicado uma edição sem o visto da censura, a policia, de tarde, foi àquele jornal prendendo todas as pessoas que ali se encontravam, as quais, horas depois, foram restituídas à liberdade.

Também foram presos os srs. José Maria Alcoforado, chefe da redacção da Informação, José do Vale, chefe da redacção de O Rebate, e Manuel Joaquim dos Santos, Ribeiro dos Santos e outros empregados deste jornal.

As redacções dos jornais O Mundo, Informação e Rebate, por ordem superior, foram seladas, não se publicando hoje por esse motivo.

O aspecto da baixa

A partir das 17 horas foi dada ordem a todos os cafés da baixa para encerrarem, o que fizeram, mandando sair os fregueses. Também foi ordenado o encerramento dos restantes estabelecimentos, embora o edital afixado determinasse que eles se fizessem só às 21 horas.

A's 18 horas o aspecto da baixa era desolador, animando-a apenas o desusado movimento de pessoas.

A mesma hora começaram concentrando-se no Rossio forças de cavalaria e infantaria da G. N. R., que cercaram a praça, não permitindo a passagem a pessoas alheias, e obrigando todos os que ali se encontravam, a abandoná-la. O trânsito na rua Nova do Carmo, em sentido ascendente, também esteve interrompido.

A's 22 horas as forças que se encontravam cercando o Rossio retiraram para junto do teatro Nacional, passando o trânsito a ser permitido às pessoas portadoras de salvo-conduto.

O trânsito de eléctricos paralisou por completo às 21 horas e o de automóveis, pelas 19. O de pessoas, não munidas de salvo-conduto acabou às 22 horas, conforme o determinado no edital afixado pelo comando militar da cidade.

O movimento no Governo Civil

No Governo Civil conservou-se durante a noite um forte piquete de policia, armado de espingardas, sendo permitido o acesso ao edificio apenas pela rua Anchieta, chegando o rigor ordenado a levar os policas encarregados da vigilância a não permitir a passagem ao próprio comandante, pela rua Capelo.

Noticias diversas

Durante toda a noite a cidade foi percorrida por caminhões da G. N. R. com metralhadoras.

No Rocio vieram-se, ao começo da noite, uns trinta automóveis mobilizados.

A estação telegrapho-postal no Terreiro do Paço esteve guardada por praças do Batalhão dos Caminhos de Ferro.

A noite correu em Lisboa o boato de ter sido morto no Porto, o comandante de infantaria 18.

O governo esteve reunido durante o dia na sede do comando militar, nas Necessidades.

De tarde embarcaram forças da G. N. R. para o Barreiro.

A guarda do Arsenal da Marinha foi reforçada, e no comando geral entrou de serviço também um oficial superior.

No Arsenal da Marinha, não se deu ontem trabalho, tendo sido mandados retirar os operários.

A ordem do governo foi preso e encontrada-se incommunicável numa «esquadra» o sr. Moutinho de Almeida.

A canhoneira Mandovy, que estava no Norte, foi mandada sair para o mar.

Foram passados mandados de captura contra grande número de indivíduos tidos como revolucionários.

O cruzador Carvalho Araújo, também foi mandado aprontar para o que fôr determinado, assim como o vapor Patrão Lopes.

Notas & Comentários

Sinónimo?

Os velhos asilados de Campolide queixam-se da comida que lhes dão, da falta de higiene em que vivem e ainda do frio que passam.

A serem verdadeiras as suas queixas somos forçados a concluir que há no país uma maneira de condenar um desgraçado a sofrer as vicissitudes e misérias: interná-lo no Asilo de Campolide. E como tudo o que é mau rapidamente se generaliza, dentro em pouco, é possível que asilado seja sinónimo de abandonado!

A vontade de Deus

Ontem na igreja da Vitória, sita na rua que tem o mesmo nome, uma vela comunicou fogo aos vestidos da imagem de Nossa Senhora da Purificação—que ia sendo totalmente «purificada» pelo incêndio. Deve haver nisto uma vingança implacável de Deus—visto que tudo quanto acontece na terra está subordinado à sua vontade. Só assim se compreende que Deus deixe arder os vestidos duma imagem que para ele é sagrada. Gostariamos que as Novidades nos explicassem a razão por que os incêndios nas igrejas se dão com a mesma facilidade com que se produzem nas casas dos livre pensadores.

Medidas inofensivas

Uma comissão de industriais açucareiros do norte do país foi ontem ao ministério da Agricultura pedir que lhes seja consentido beneficiar o açúcar que lhes apreenderam, por ser impróprio para consumo.

Se tal fôr consentido não pode restar a menor dúvida que os mesmos industriais reincidirão em ludibriar os consumidores, visto que o prejuizo que daí lhes possa advir, desaparecerá por encanto. As apreensões de açúcar impróprio para consumo tornar-se-ão não tão inofensivas como o têm sido as medidas que os governos tomam contra os maneios dos assambarcadores.

A época do imperialismo

WASHINGTON, 3.—O presidente Coolidge decidiu dirigir pessoalmente toda a politica externa relativa aos acontecimentos do México e Nicaragua.

A Câmara dos representantes regeitou a concessão dos créditos para a construção de três cruzadores a pesar de já aprovados pelo Senado.—(L.)

A guerra na Síria

BEIRUTH, 3.—O Emir do Djebel druso, Hasan-el-Atrash, submeteu-se às autoridades francesas.

Espera-se que este facto tenha considerável influencia sobre os insurrectos ainda em armas.—(L.)

PARIS, 3.—Afirma-se que o alto comissário na Síria, Ponsot, propôs uma amnistia a todos os insurrectos, quando da sua próxima visita a Paris, advogando junto do governo francês a sua concessão.—(L.)

A população continua protestando contra a má qualidade do pão que a Moagem lhe fornece

O novo regime de pão parece encaminhar-se em definitivo para um tipo único de pão intragável. Dia a dia o seu fabrico vai piorando sensivelmente; quanto à sua qualidade é escusado falar, bastando dizer que devido a ela, se deram ontem protestos e conflitos em vários pontos de Lisboa. Esses protestos e conflitos têm, porém, uma significação mais ampla: indicam claramente que os consumidores se vêm coagidos a reagir contra a ofensiva da Moagem. Esta entidade tem até hoje tripudiado impunemente sobre a população, conseguindo sempre, vitoriosamente, roubá-la e envenená-la a seu belo talante.

A Moagem é a empresa de exploração pública que mais animadversões tem criado à sua volta. E compreende-se por que tal tem acontecido: devido aos parcos salários que as classes trabalhadoras auferem as suas refeições são de tal modo reduzidas que o pão que constitui o seu principal alimento, chega muitas vezes a ser o único que está ao alcance das suas bolsas. Ora tem sido exactamente sobre o pão que se têm feito as maiores transaccões e as maiores falsificações. Criou-se um monopólio que embora não vigore de direito existe de facto.

E certo que nem todo o pão vendido em Lisboa é fornecido e fabricado pela Moagem, visto existirem outras empresas moageiras e panificadoras. Mas todas as restantes empresas mesmo reunidas não conseguem ter uma importância que as iguale, de perto ou a distância, com a Moagem. Na questão do pão é ele quem, incontestavelmente, baralha e dá cartas sem recer a menor concorrência e sem lutar com o menor obstáculo. Tem os seus movimentos absolutamente livres e o seu poderio é tão grande que vastas vezes se tem tornado extensivo às composições ministeriais que raro se fizeram sem a sua intromissão e sem a ascensão a várias pastas de elementos seus. O ministério da agricultura tem sido, desde há muitos anos, um feudo da Moagem, quer por meio de ministros saídos de entre os seus apañados quer de directores gerais que a ela têm estado ligados, como seus subordinados e cúmplices, por interesses materiais.

Decretou-se o tipo único de pão. A Moagem não lhe conveio. Como não pôde deixar de cumprir-lo, resolveu fornecê-lo aos consumidores o pior que lhe fôsse possí-

vel. E conseguiu-o. O pão foi, desde o primeiro dia, uma mixórdia.

A Moagem, perante os protestos populares, bate as palmas de contente. Ela pretende que os consumidores protestem, gritem contra a porcaria que lhes impinge. Fazem bem os consumidores em não se deixarem roubar e envenenar pela tradicional inimiga da população. Mas, convém que fique bem acentuado que os protestos da população não visam o tipo único de pão. A população pretende que só haja um tipo único de pão, mas não como medida de duração curta. Entende que todos devem ter o mesmo estômago visto que o pão deve ser uma base de alimento e não um pretexto para nos envenenarmos lentamente; é manifestamente contrária à distinção absurda que até aqui se tem feito entre pão de rico e pão de pobre, sendo o primeiro de farinha para consumo duma minoria privilegiada e o segundo de várias bodegas para consumo dos que trabalham. O pão deve ser igual para todos, deve haver um tipo único de pão.

A população reage não contra o tipo único mas contra a ignóbil falsificação que a Moagem lhe impinge à sombra duma impunidade que já tem provocado protestos sangrentos.

A questão do pão tem de ser resolvida duma maneira definitiva. Já é tempo de a cidade deixar de consumir toda a espécie de lixo que a Moagem fabrica para passar a ter aquilo que em todos os países existe de facto: pão de farinha que constitua um alimento e não uma ameaça grave à bolsa, à saúde e à vida de todos nós.

No Vale do Carregado estragou-se o que era suportável

VALE DO CARREGADO, 3.—O pão, principal género alimentar, subiu outra vez de preço. O pão é igual ao do regime cessante, havendo diferença apenas no preço. É certo que defendíamos o tipo único, mas aquele tipo sempre como se faz nas províncias. Nesta localidade, o pão não era muito mau, e o seu fabrico, até, não provocava protestos. Emfim, a população comia com agrado o principal género alimentar. O novo regime, porém, veio tornar o pão mau e caro e aqui está a razão dos protestos que os habitantes desta terra vêm fazendo.—C.

O que vai por esse mundo fora

O rompimento anglo-cantonense

Comentários e sugestões sobre os últimos acontecimentos na China

LONDRES, 3.—Os círculos oficiais estão preocupados com a rutura das negociações com o delegado do governo de Cantão, atribuindo este facto à propaganda anti-britânica na China feita por Borodine, agente do governo russo.

O conselho de ministros apreciou ontem a nova situação da China, prosseguindo hoje no respectivo exame.

Os últimos acontecimentos não modificaram a politica liberal do governo britânico, que deplora, no entanto, a interrupção sofrida pelas negociações.

As propostas ontem tornadas públicas originaram largos comentários da imprensa que não compreende a atitude de Eugene Chen em face da liberalidade das mesmas, que antecipadamente foram ao encontro de muitas aspirações nacionalistas, tendo anuído a discutir com o sr. Omalley a situação das concessões de Hankow e Kiukiang, estando perfeitamente ao corrente das medidas militares de precaução para defesa das vidas e propriedades britânicas de Xangai.

As negociações decorreram rapidamente, estando pronto em 29 de Janeiro o respectivo acordo. Depois de repetidos adiamentos da sua assinatura, Eugene Chen declarou então não poder assinar o acordo em virtude da concentração de tropas em Xangai.

O governo inglês respondeu à nota de Chen, ministro dos Estrangeiros cantonense, que a evacuação de Xangai pelas tropas britânicas dependia da segurança absoluta da vida e haveres das concessões internacionais que importava defender contra todos os ataques.

Segundo noticias officiais, as negociações de Hankow não foram dadas por terminadas, mas adiadas.

Respondendo a um telegrama do partido trabalhista, Eugene Chen, ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Cantão, declarou que as negociações anglo-chinesas podem prosseguir imediatamente desde que

cesse a concentração de tropas britânicas em Xangai.—(L.)

O pedido de um general

PEQUIM, 3.—O general nordista Chang-Tso-Lin resolveu solicitar da Inglaterra um empréstimo de 20 milhões esterlinos, a fim de prover às necessidades do seu exército.—(L.)

A politica burguesa

Um protesto dos soviéticos

MOSCOW, 3.—O governo soviético protestou junto do gabinete de Varsóvia, contra as prisões de russos brancos ultimamente efectuadas.—L.

Partidos que se dissolvem

LONDRES, 3.—Foram dissolvidos os partidos comunista e minorista britânicos, sendo recomendado aos seus membros a adesão ao partido trabalhista.—(L.)

A politica alemã

BERLIN, 3.—Em consequência das recentes eleições para a Dieta da Turingia a oposição compreende agora dezoito socialistas, oito comunistas e três democratas contra 27 do bloco burguês, entre os quais se encontram três racistas e eventualmente 5 do partido económico.

Os comunistas apresentaram uma moção na Dieta prussiana, perguntando ao governo se a Prussia proibiria a entrada do ex-Kaiser no território prussiano na eventualidade do seu regresso à Alemanha.—L.

Contas de cabeça

LONDRES, 3.—O sr. Cahill, conselheiro comercial da embaixada britânica em Paris, publicou um relatório de mais de 300 páginas sobre a situação económica da França, no qual constata o desenvolvimento e a modernização da industria francesa depois da guerra, notando que os altos fornos são mais numerosos 25 %, e os fornos de coke mais numerosos 45 %, do que eram antes da guerra. O sr. Cahill nota igualmente que, passado o período de uma certa paralisação na actividade comercial em Dezembro e Ja-

neiro, as notícias chegadas dos centros importantes, como Lyon, por exemplo, demonstram que a actividade económica recomeçou. —(H.)

O jogo eleitoral francês

PARIS, 3.—No conselho de ministros de ontem à noite, o sr. Sarraut, titular da pasta do interior, leu uma proposta de lei de reforma eleitoral, que restabelece os escrutínios por «arrondissement», com algumas alterações indicadas pela prática. Foi suspensa a execução da lei sobre os vistos nos passaportes dos súbditos belgas. —(L.)

O homem misterioso

BERLIM, 3.—Depois do debate, no Reichstag, de apresentação do novo governo, o sr. Stressemann parte para o estrangeiro, a fim de tratar directamente vários assuntos de política externa da Alemanha.

Desmente-se que o sr. Stressemann tencione encontrar-se proximamente em Riviera com os ministros negociadores do tratado de Locarno. —(L.)

Saúde necrológica

MADRID, 3.—O general Primo de Rivera ordenou que sejam colocados na sala do conselho de ministros, os retratos dos estadistas assassinados, Castiello, Canalejas e Dato. —(L.)

As novelas policiaes

Os roubos misteriosos

PARIS, 3.—A polícia desvendou finalmente os misteriosos roubos que há um ano eram incessantemente cometidos no expresso Calais-Vintimiglia, sendo os passageiros que de Inglaterra se dirigiam para a Itália repetidas vezes vítimas de roubos de jóias contidas nas suas bagagens, atingindo já um montante de centenas de milhares de libras.

Após o expresso de ontem à noite a Lyon, uma brigada de detectives prendeu o guarda do comboio, Paul Cobillet e o seu ajudante Louis Moury, que foram imediatamente conduzidos ao commissariado da polícia.

Cuidadosamente revistados, ao primeiro nada foi encontrado além dos objectos do seu uso pessoal, mas ao segundo foram encontradas jóias avaliadas em 12.000 libras, que confessou pertencerem a um milionário americano.

Cobillet negou qualquer culpabilidade nos crimes. A polícia prendeu simultaneamente o joalheiro parisiense Jean Garsie sob a acusação de receptor. —(L.)

Um homem desaparecido

PARIS, 3.—Desapareceu misteriosamente o antigo conselheiro da legação dinamarquesa, Helmer Petersen. A polícia oferece 25.000 francos pela indicação do seu paradeiro. —(L.)

Câmara Municipal de Lisboa

Numeração de ruas

Em sessão extraordinária reunida ontem, sob a presidência do coronel Vicente de Freitas, a comissão administrativa do Município de Lisboa.

Pelo vereador sr. Quirino da Fonseca foi apresentada a seguinte proposta:

«Tendo em vista a crescente necessidade de simplificar o endereço das moradas, quer para serviço comercial, quer para serviço de particulares, e a exemplo do que se pratica vantajosamente em grandes cidades, proponho que, sem pôr de parte os nomes estabelecidos para as ruas de Lisboa, se dê a estas uma numeração privativa para cada bairro, continuada quanto possível do Sul para Norte e do Oriente para o Ocidente, numeração que seja afixada à parte superior da designação que se encontra nas mesmas ruas.

Estabelecimentos nas escadas

O vereador sr. Baptista Gomes propoz que a polícia municipal coadjuvada pelos bombeiros municipais mande efectivar a desocupação da escada do prédio 29 da rua dos Anjos imediatamente à aprovação desta proposta, lavrando-se auto do qual conste a relação dos objectos existentes que serão depositados em local conveniente e sendo devolvidos de relatoria para a abegoria municipal, tudo por conta e risco de ocupante.

Quiosques na via pública

Tendo sido publicado com inexactidões o edital proibindo a venda de bebidas alcoólicas e de comidas nos quiosques, foi resolvido fazer nova publicação em que se declare com precisão que os proprietários ou detentores de quiosques lhes é proibida a venda de vinhos de pasto e de comidas, não ficando compreendidos nestas, «sandwiches», bolos e bolachas. Os infractores são punidos, pela 1.ª vez, com 100\$00 de multa; pela 2.ª com encerramento da instalação, em 10 dias, e multa de 240\$00; e pela 3.ª com a remoção da instalação para o depósito municipal, se o proprietário não fizer a renovação no prazo de 15 dias.

Tornando-se necessário identificar prontamente o número de quiosques situados nas ruas da cidade, proponho que a cada um deles seja dado um número de ordem que deve ser afixado no exterior dos referidos quiosques, em local que será indicado para cada caso, pelos fiscaes da repartição competente.

A exploração dos barcos na lagoa do Campo Grande

Tendo terminado, no dia 25 de Agosto do ano findo, nos termos da respectiva escritura, a concessão feita a Julio Morgado para a exploração dos barcos da lagoa do Campo Grande, e convidado pôr novamente a concurso a mesma concessão, a Comissão Administrativa resolveu que seja aberto o concurso para a referida concessão conforme as condições desta proposta.

A extinção do mercado do Terreiro do Trigo

Por proposta do dr. Filipe Caiola a Câmara resolveu extinguir o mercado do Terreiro do Trigo, sendo os seus locatários transferidos para o mercado de Santa Clara.

OS QUE MORREM

Maria da Boa-Hora Bandouin Vieira

Faleceu ontem e sepultou-se hoje pelas 14 horas a sr.ª D. Maria da Boa-Hora Bandouin Vieira, saindo o préstito fúnebre da 2.ª rua Particular aos Prazeres, 26 r-c, d, para o cemitério da Ajuda.

Notas várias da Lisboa triste

De um andaime à rua

No largo da Abegoria, num prédio, propriedade de Amélia Leite, um grupo de operários sob a direcção de mestre José Maria Simões procedeu à sua limpeza exterior. Acabada ela, aqueles operários começaram a desarmar o respectivo andaime, pela tarde, e quando o encarregado da mesma obra, Januário Laranjeira, de 26 anos, natural de Caminhã, pintor e residente na calçada do Conde de Penafiel, 7, cave, se encontrava no 2.º pavimento do mesmo andaime, partiu o guarda-costas, o que fez com que o Januário caísse à rua fracturando o braço esquerdo e ficando ferido no braço direito e na cabeça e com várias contusões pelo corpo, reclamando um auto da Cruz Vermelha, foi nele o ferido transportado ao Hospital de S. José, onde foi devidamente pensado recolhendo em seguida à enfermaria de St.º Onofre.

Prontamente atropelado

Um carro de pronto-socorro dos Bombeiros Municipais que ontem seguia para um incêndio, colheu na rua Augusta, João Carlos de Pinho, de 20 anos, natural de Estarreja e residente na Calçada de St.º Amaro, 143, rez-do-chão, que ficou ferido na perna esquerda. Pensado no Banco do Hospital de S. José, recolheu a casa.

Colhido por um pilão

A Sala de Observações do Hospital de S. José, recolheu António Piscisco, de 23 anos, ferreiro, natural de Torres Vedras, residente na Quinta do Carapau, em Alentejo, e que na época de Santos foi colhido por um pilão, ficando com dois dedos da mão esquerda esmagados.

Automobilismo perigoso

No Banco do Hospital de José foi pensado e recolheu a casa Alberto dos Santos, 19 anos, sapateiro, natural da Foz dos Montes, morador na rua Carvalhal Araújo, 3, que foi atropelado por um automóvel no Largo St.º Bárbara, ficando ferido na cabeça.

Solidariedade

Realiza-se no dia 19 do corrente, no Sindicato do Pessoal do Matadouro, uma festa de solidariedade a Guilherme Mesquita que se encontra enfermo. Haverá um concurso de cegadas com vários prémios. Os concorrentes podem inscrever-se, das 20 horas em diante, na sede da secção do Alto do Pina do Sindicato da Construção Civil, rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º.

A BATALHA na provincia e arredores

Souzel

Carne podre para alimentação
SOUZEL, 1.—Na herdade da Sobreira morreu, há tempos, um porco que pesava cerca de onze arrobas. O porco havia ido beber água a um rio, mas, como era pesado, caiu e não pôde levantar-se. O porco morreu não deu pelo caso e o animal ficou o dia todo e, ainda, a noite seguinte. Na manhã seguinte, o porco estava roxo e deixava um cheiro insuportável.

A pesar-disso, foi levado para casa da dona e ali aproveitada a carne. A decomposição era tal que, ao abrir-se o porco para lhe ser feita a limpeza do ventre, o mau cheiro foi notado por pessoas que na rua passavam, as quais cuidaram de saber do que se tratava.

Pois a carne de porco, a pesar da sua decomposição, foi empregada nos enchimentos, salgando-se os toucinhos. A carne foi, talvez, destinada à alimentação dos resignados trabalhadores.

O cadáver do porco não foi devidamente inspecionado pelas autoridades sanitárias, mas o facto que narrámos é que não pode ser desconhecido, pois numa terra como Souzel nada se ignora. —C.

Cascais

Uma nova extorsão

CASCAIS, 3.—O problema das águas tem sido assunto para muitas discussões nos últimos dias.

A Câmara Municipal aumentou para dois escudos o preço do metro cúbico da água líquida e a Companhia Geral das Águas, num aviso sem grandeza, seguiu-lhe as pisadas. A Câmara justificou o aumento com a necessidade de pagar nascentes, introduzir melhoramentos no abastecimento das águas, etc. A Companhia limitou-se a dizer que aumentava para ficar em equilíbrio com o preço da Câmara, o que significa que se esta mantivesse o preço antigo, não lhe buliria, confessando deste modo que vendendo água a 1\$20 já ganha dinheiro e que todo o aumento será para ela uma verdadeira «mina». Não sabemos o que fará a Câmara em face do insólito procedimento da Companhia que assim deseja enterrar as mãos na algeibreira do consumidor. O que sabemos é que este não está disposto a mais uma extorsão, mas naturalmente pagará, porque os principais consumidores são aqueles que têm grandes fortunas. E o povo será mais uma vez sacrificado. —(F.)

MUSICA

Grandioso Festival Wagneriano

O 12.º concerto Fão que se realiza domingo, no Gimmásio, é unicamente consagrado às composições de Wagner, executando-se as seguintes obras do portentoso maestro que, com a sua maneira, tanto revolucionou a arte musical: «Naviu Fantasma», abertura, «Lohengrin», prelúdio do 1.º acto; «Mestres cantores», prelúdio; «Parsifal», prelúdio; «Tristão e Isolde»; prelúdio e morte de «Isolda»; «Tannhäuser», abertura; «Mestres cantores», canto do concurso de Walter, com acompanhamento a solo, do violinista Luis Barbosa, e «Rienzi», abertura. Para este concerto excepcional estão já a venda os bilhetes.

A festa do maestro Fão

O concerto de domingo 13, no Gimmásio, que coincide com o 13.º da actual temporada, é em festa artística do illustre maestro Fernandes Fão, o brilhante director da Orquestra Sinfónica Portuguesa. Para esse concerto o programa é, também, sensacionalíssimo e organizado a capricho.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 43 desta novela intitulada *Martirio*, de Federico Montseny. Preço, \$50. —Pedidos à administração de A Batalha.

EM PORTIMÃO

Um senhor infinitamente pequeno que ganha fama a perseguir atinatamente trabalhadores

PORTIMÃO, 2.—Para quem lê A Batalha, cotidianamente, deve parecer estranho o facto de, constantemente, nos referirmos às perseguições e atrocidades do já conhecido mestre de obras da Câmara Municipal de nome José Diniz. Mas os factos são conhecidos de toda a população operária desta cidade. E' ele, e sempre ele, o eterno perseguidor da organização, e, portanto, dos operários organizados. Eis a razão da persistência dos nossos ataques.

Há dias foi resolvido, na construção civil, enviar à Câmara uma comissão para fazer sentir à mesma a necessidade de pôr termo ao desemprego de tantos operários que, mortos de fome, vaguem por essa cidade abrindo trabalhos, além de serem um elemento de progresso, e mais ainda, de grande vantagem para as necessidades da população, teriam o condão de atenuar um pouco a grande crise que assola esta cidade.

Foram recebidos pelo presidente da Comissão Executiva, visto nesse dia não haver sessão, o qual recebeu a comissão muito correctamente prometendo fazer tudo o possível para empregar alguns operários, lembrando que seria conveniente que o sindicato enviase uma nota dos desempregados, para serem colocados por escala.

O sindicato enviou à Câmara um ofício tratando deste assunto e nada mais se soube sobre o caso, visto que a Câmara nunca mais respondeu. Voltou, novamente, a comissão a entrevistar-se com a vereação no intuito de retirar o ofício, visto que a Câmara pouco atenção prestava ao assunto.

Houve, no entanto, um entendimento, ficando resolvido que os operários se iriam apresentando à medida que os trabalhos fossem abrindo. Mas se não fosse o sr. José Diniz intrometer-se nestes assuntos, a vereação iria procedendo com mais justiça, não o fazendo devido, certamente, à bajulação deste tufão, que, para conseguir os seus fins, se torna burlador para todos quanto tem o encargo de velar pelo seu comportamento no desempenho das suas funções. Assim, é ele quem mete na Câmara aqueles que lhe apetece, tendo sempre o cuidado, devido ao seu cinismo e hipocrisia, de dar trabalho a alguns sindicatos, para assim ir enganando os vereadores.

Mas a nós é que ele não nos engana, que já o conhecemos bem. E' pena que não possamos fazer um relato circunstanciado de todos os seus atropelos. Mas com o tempo tudo virá a lume.

Hoje, porém, queremos salientar aquela passagem em que ele disse a um nosso camarada «que a divisão ainda estava muito longe». Mas no tempo em que o sr. José Diniz estava no sindicato parecia-lhe a divisão mais próxima, não é isso? Como os tempos mudam! Mas a divisão está longe para nós, operários, mas não para ele, que tem sabido dividir, para seu interesse particular, tudo quanto pode apanhar do material da Câmara.

Vereações transactas sabem muito bem o proceder deste cavalheiro que desfalca os materiais a ponto de ser a casa dele um armazém de material que depois nunca mais aparece. Tem chegado a ponto de empregar em seu serviço particular operários pagos pela Câmara. E a desconfiança foi tanta e a crítica tem sido tão intensa que houve uma vereação, anterior a esta, que em cada armazém de material punha um fiscal para não deixar o mestre de obras roubar mais, e mandou fazer umas fichas para serviço de carretos de material a fim de que ele os não multiplicasse. Mas com esta vereação o sr. José Diniz tem feito o que tem querido. O primeiro que conseguiu foi arrecadar as chaves para ter à sua guarda todos os haveres pertencentes a construções.

Agora pode dar largas ao seu egoísmo desenfreado porque os homens que estão zelando os interesses de mais de 18.000 criaturas desprezam os interesses dos mesmos para serem agradáveis a um patife que é sobejamente conhecido de toda a população como já dissemos. Podem operários morrer de fome, pode a Câmara arrecadar todos os seus fundos que aos homens da vereação pouco isso importa. O que o sr. José Diniz diz, assim se faz. E o povo, a eterna vítima destes malandrinhos, não reconhece quanta justiça lhes assiste, não pensa que a melhor forma de combater estes males, seria organizar-se fortemente para numa comunhão de esforços pensar a melhor maneira de acabar com tantas e tão grandes vilanias.

Não lhe fazem falta os nossos escritos de A Batalha. Muito embora. Nós iremos sempre nestas columnas escalpelando o seu infame proceder e os seus torvos desígnios. E' essa a nossa missão. —C.

Vida Sindical

Comunicações

S. U. C. C. — Secção do Alto do Pina. — Reuniu-se, em assembleia geral, nomeando os novos corpos gerentes, que ficaram constituídos da seguinte forma: Comissão Administrativa: Júlio Rodrigues de Carvalho, António Pedro, Bento Pereira, Guilherme Mesquita e Miguel Antunes. Delegados ao Conselho Técnico: António Sacavém, Guilherme Mesquita e Júlio Rodrigues de Carvalho. Delegados ao Conselho de Secções: Guilherme Mesquita e Joaquim Correia. Delegado à Universidade Popular Portuguesa: Guilherme Mesquita. Entre outros assuntos, foi resolvido representar-se no aniversário do sindicato, sendo nomeado António Sacavém.

Convocações

REÚNEM HOJE: Federação do Ramo de Alimentação. — Pelas 20,30 horas, a comissão executiva para assunto de grande importância.

Sindicatos da provincia: Comissão de Propaganda e Organização Sindical de Gaia. — Reúne-se hoje, para tratar de assuntos que se prendem com o levantamento da organização sindical. Devido aos assuntos, é indispensável a comparencia de todos os seus membros.

Liga Operária de Desportos Atleticos

Realiza-se no próximo domingo os seguintes jogos do campeonato desta Liga: 1.ª categoria: Boa Hora contra Nacional, pelas 15 horas; juiz sr. Jacinto Pereira. 2.ª categoria: Boa Hora contra Rio Seco na Junqueira, pelas 11 horas, juiz António de Carvalho.

LUTA DE CLASSES

Os lavradores de palmeiras na India declararam-se em greve contra o aumento de impostos

Os ferroviários de Malange preparam-se para resistir a uma baixa de salários

Goa, Janeiro. — A Batalha, porta-voz da organização operária portuguesa, tem amigos em toda a parte. Eu sou um deles. Tenho pela Batalha a mais sincera admiração que vem de há anos, e não poderia de forma alguma, sem embargo da consciência, deixar de oferecer os meus fracos préstimos ao jornal do povo trabalhador, jornal que sabe defender os oprimidos nas ocasiões mais críticas.

Regressei de Lourenço Marques perseguido pelo governo dos «Miseráveis», que, durante a greve ferroviária, a mais heróica luta a que temos assistido até hoje, deportou criaturas que viviam do seu trabalho honrado, há dezenas de anos, criando nessa colónia o seu lar e o seu amor.

Enquanto permanecer na India, eu procurarei da melhor forma falar aos leitores de A Batalha do movimento operário desta terra e dos acontecimentos mais notáveis que possam interessar à vida do proletariado em geral.

Para iniciar a minha primeira correspondência tenho de me referir à greve dos lavradores de palmeira que principiou em 1 de Janeiro, por ter sido aumentado o imposto municipal que os obrigava a pagar uma rupia anual por cada palmeira, além do que pagam à Fazenda e ao proprietário da palmeira, o que prefaz uma bonita soma de 21 rupias!

O Estado devia ter pela classe dos lavradores de palmeira a maior estima, porque a maior receita da Fazenda vem, sem dúvida alguma, da taxa que eles pagam trimestralmente ao governo, que não pode ter vida sem esses trabalhadores. Ora, se o Estado vive da receita dos impostos que lhes são aplicados, era natural que o governo tivesse uma certa atenção por essa classe, que é, em geral, constituída por gente inculta e boçal, que não tem outro meio de defesa a não ser o da greve.

Não são poucos os comícios nem reuniões agitados para apreciar a questão, eles fazem-no mais serenamente possível. E' para admirar a sua solidariedade. Mas desta vez, o que se lançou nesse movimento só são os do concelho de Salcete, porque o aumento de uma rupia por cada palmeira foi aplicado pelo município, e não abrange por conseguinte toda a classe.

A greve teria rápida solução se os restantes concelhos de Ilhas, Bardes, Mormugão e Novas Conquistas aderissem ao movimento como prova da máxima solidariedade. E como assim não succedeu, o governo ainda não voltou a sua atenção para resolver o assunto. E' de crer que o general Massano de Amorim não procure subjugar os grevistas pela violência e terror. De resto, toda a gente sabe que meios violentos só geram inimigos e desordens permanentes, o que o bom senso nunca evita.

O momento actual não é oportuno para o aumento do imposto, porque a vida cada vez vai encarecendo duma maneira assombrosa! Quere o município mais dinheiro? Recorra aos que andam com o papo para o ar, digerindo ruidosamente os melhores manjares provenientes, talvez, dos cofres exaustos.

O povo não pode pagar mais na presente época das vacas magras!

O contributo está nas vésperas de levar a sua cambista à casa do prego!

Na India não há organizações operárias, porque toda essa pobre gente ainda vive esmagada na maior obscuridade, mas é facto que ela sabe reagir quando é necessário lutar pelas suas regras, o que é digno de menção. A difusão da instrução na India, em bases sólidas, é urgente e necessária para emancipação dos povos.

Na próxima crónica relataremos o desfecho do movimento dos lavradores, se até então terminar a questão. —C.

Os ferroviários de Malange protestam contra uma premeditada redução de salários

O alto commissário de Angola recusa-se a atender as reclamações da classe que não desiste de lutar

LOANDA, 1 de Janeiro. — Os ferroviários de Malange estão condenados a ficar sem pão e sem lar por lei do alto commissário de Angola. Na ansia por que desapareça um deficit, ou seja a pequena bagatela de 63 mil contos que esta provincia tem, não por culpa dos trabalhadores, mas sim em consequência da má administração dos «grandes financeiros» que esta colónia tem governado, acaba de tirar a última migalha de pão aos ferroviários, reduzindo-lhes os seus já míseros vencimentos em 50 por cento.

Não podemos compreender qual a razão de tamanha injustiça, para com esses honestos trabalhadores, enquanto o custo da vida aumenta, e ao mesmo tempo não sabemos qual o motivo porque foram aumentados os vencimentos do alto commissário de 16 para 30 contos e os dos secretários provinciais de 6 para 15 contos ou seja em mais de 100 por cento.

Por esta forma vai aumentando cada vez mais a precária situação da provincia, não se querendo saber em que situação vive o proletariado, e pelo contrario, desejam-no arrastar para a mais cruenta das misérias.

Com tal situação é impossível viver-se nesta cidade, é fazer-lhes expiar um crime que não cometeram, porque os seus misérrimos ordenados (média 884\$00 por mês) não lhes chega para satisfazer os seus compromissos.

Qual foi a razão por que o alto commissário não reduziu os seus vencimentos?

Então nós os que empunhamos o martelo e que somos sempre os sacrificados, as vítimas dos erros dos outros?

Segundo parece os ferroviários só agora é que acordaram da letargia em que se encontravam, estando na disposição de não se acobardarem perante a afronta que, o alto commissário acaba de lhes fazer, no caso dos seus vencimentos não serem aumentados, estando dispostos a irem para a luta salvaguardando a sua dignidade e o pão dos seus filhos, dizendo ao governo que não estão dispostos a morrerem de fome. Ao sentirem-se em perigo, os ferroviários abandonaram o trabalho anteontem, pelas 13 horas, e numa grandiosa e ordeira manifestação acompanharam a sua comissão, constituída por José de Oliveira, Hippólito Vergílio, que foi junto do alto commissário apresentar as suas reclamações.

Ultimas notícias

Os acontecimentos

Os revoltosos ocupam Porto

O ministro da Guerra encontra-se em Aveiro organizando uma columna mista de tropas destinada a combater os revoltosos que ocupam Porto.

Entre os revoltosos, que já abriram trincheiras para se defenderem dos ataques das forças fiéis ao governo, encontram-se muitos civis armados.

O rápido do Porto

Devido ao movimento revolucionário o rápido que, vindo do Porto costumava chegar ao Rossio às 23,40 sô foi organizado a partir de Aveiro.

UM BALANÇO

O estado actual da organização sindical em Vila Nova de Gaia

Neste momento, em que novas energias se constatarem no levantamento moral da organização operária do país, aproveitamos o ensejo para apelar para o proletariado de Vila Nova de Gaia, mormente aqueles que, sentindo um ideal, se encontram afastados da actividade sindical.

Principiemos pelo Sindicato dos Corteiros. Este organismo poderia ter uma vida salutar se não houvesse a cobardia de uns e a indiferença de outros.

A classe corticeira do norte vive em péssimas condições morais e materiais, e isto devido a esta classe não ter uma consciência colectiva.

Existe uma minoria consciente, mas essa minoria, que é bem pequena, não pode fazer, motivado pela perseguição que lhe é movida, não só pelos industriais corticeiros mas, o que é mais doloroso, pelos próprios camaradas de labuta. Por outro lado, os elementos que deviam actuar de uma maneira enérgica e revolucionária, curvam-se ante o favoritismo dos senhores da Indústria.

Outra classe, que já se encontram noutros tempos em condições mais ou menos idênticas às classes que sabiam impor-se e que, agora, se encontra na mais desolável situação, é a classe metalúrgica, motivado pela sua inconsciência e porque lançou criminosamente o seu organismo sindical ao abandono. Ultimamente, o Sindicato Metalúrgico tem atravessado uma vida vegetativa, e também uma das razões de tal facto deve-se, sem dúvida, à inactividade dos camaradas que têm por dever dedicar-se ao seu organismo sindical, para estarem de harmonia com as suas afirmações ideológicas.

A classe da construção civil, que nesta localidade é numerosa, também não tem organização sindical. Esse motivo é devido à pouca propaganda que, no seio desta numerosa classe, se faz. Já em tempos houve uma secção do Sindicato da Construção Civil do Porto, mas morreu porque não tinha elementos suficientes capazes de manterem a secção.

As classes cerâmicas não se encontram organizadas. Existe uma pequena associação que se denomina Liga das Artes Cerâmicas, que é orientada por políticos e está ao seu serviço.

Este organismo só dá sinal de si, quando há eleições e quando no dia 10 de maio, se realiza qualquer pic-nic.

Quanto aos marítimos, esses têm uma organização verdadeiramente reaccionária, que temos que pôr de parte hoje.

A única organização que tem um carácter verdadeiramente sindicalista revolucionária é a dos operários taneiros, organizados no Sindicato Unico da Indústria Vinícola. Mas, motivado pela enorme crise de trabalho que a avassalada esta numerosa indústria, os efectivos sindicais diminuíram um pouco.

Imagine-se que a classe da indústria vinícola eleva-se a mais de 6.000 operários e estão exercendo actividade apenas cerca de mil e, mesmo assim, não trabalham permanentemente, todavia, a classe nunca perdeu a sua força moral e revolucionária.

O que os trabalhadores desta localidade necessitam é de muita propaganda.

Há tempos, foi constituída uma comissão de propaganda e organização sindical, com o fim de organizar o operariado local.

Porém, essa comissão não pode desempenhar convenientemente a sua missão, porque não tinham um franco apoio moral e material dos sindicatos existentes.

Fica aqui exposto o estado actual em que se encontra a organização operária local e, para terminar, apelo para os camaradas conscientes no sentido de dedicarem mais um pouco de esforço ao levantamento da organização sindical, porque, sendo assim terão, sem dúvida, dado um passo na marcha da Revolução emancipadora.

Também não deixaremos de fazer um apelo aos jovens, para que deem alento ao Núcleo da Juventude Sindicalista, aonde reside o futuro da organização operária local, criando aulas de educação mútua, de militantes, etc. —C.

DESPORTOS

Tagi Luciano Fernandes

Os desafios do dia 30 tiveram o seguinte resultado: Mascote marca 3 pontos por falta do Campolide A; Santana B vence Campolide por 2-1 tendo este abandonado o campo ao começo da 2.ª parte. O encontro Monte Pradense-Sporting Club Campolide, foi protestado por este.

Para o dia 6 estão marcados os seguintes encontros: Campolide A contra Santana A, às 13 horas; Sporting Club Campolide contra Santana B às 11; Monte Pradense contra Sete Moínhos às 9; Santana B marca 3 pontos contra Sport Lisboa e Sol.

Hoje reúnem os delegados.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util às boas donas de Pedidos à administração de A Batalha, casa, Preço 2\$00; pelo correio, 2\$60.